

Rotinização de Ações Contestatórias e a Construção de Lugares Políticos: O caso do Viaduto do Dia em Aracaju

*Jonatha Vasconcelos Santos**

Resumo

Este artigo é resultado de uma dissertação desenvolvida entre os anos de 2015 e 2017 e analisa o uso da ocupação do espaço público enquanto repertório de ação contestatória pelo Coletivo Debaixo, após o ciclo de protestos de 2013. Deste modo, seu objetivo é analisar o processo de construção de um lugar de contestação a partir de uma rotina de ocupação do viaduto do DIA., organizada pelo coletivo acima referido, em Aracaju/SE. As ferramentas metodológicas utilizadas na pesquisa foram a observação direta, a realização de entrevistas semiestruturadas e a catalogação de notícias em jornais eletrônicos e outras mídias sociais. Como resultado, a pesquisa demonstra como a rotina de um tipo de ação contestatória como a ocupação do espaço público possibilita a emergência e a construção de “lugares políticos”.

Palavras-chave: Movimentos sociais. Ocupação. Espaço Público. Ciclos de protestos. Contestação.

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Sergipe. Email: vasconcelos.jonatha@gmail.com

Rotinization of Contestatory Actions And The Construction of Political Places: The Case of “Viaduto do Dia” in Aracaju

Abstract

This article is the result of a dissertation developed between the years of 2015 and 2017 and analyze the use of the occupation of public space as a repertoire of contestatory action by the Coletivo Debaixo after the protest cycle of 2013. Thus, its objective is to investigate the process of construction of a place of contestation from a routine of occupation of the “Viaduto do DIA” organized by the aforementioned collective in Aracaju/SE. The methodological tools used in the research were direct observation, semi-structured interviews and cataloging of news in electronic newspapers and other social media. As a result, the research demonstrates how the routinization of a type of contestatory action as the occupation of public space enables the emergence and construction of “political places”.

Keywords: Social movements. Occupation. Public place. Cycles of protest. Contestation.

Rotinización de las Acciones Contestatorias y la Construcción de Lugares Politicos: El Caso Del “Viaduto do Dia” en Aracaju

Resumen

Este artículo es el resultado de una disertación desarrollada entre los años 2015 y 2017 y analiza el uso de la ocupación del espacio público como repertorio de acción contestataria por el Coletivo Debaixo después del ciclo de protestas de 2013. De ese modo, su objetivo es investigar el proceso de construcción de un lugar de contestación a partir de una rutina de contestación de ocupación del “Viaducto do DIA” organizada por el colectivo arriba mencionado en Aracaju/SE. Las herramientas metodológicas utilizadas en la investigación fueron la observación directa, la realización de entrevistas semiestructuradas y la catalogación

de notícias em periódicos eletrônicos y otros medios sociales. Como resultado, la investigación demuestra cómo la rotinización de un tipo de acción contestataria como la ocupación del espacio público posibilita la emergencia y la construcción de “lugares políticos”.

Palabras clave: Movimientos sociales. Ocupación. Espacio público. Ciclos de protestas. Contestación.

Este artigo tem como objeto a ocupação do espaço público enquanto repertório de ação contestatória pelo Coletivo Debaixo após o ciclo de protestos de 2013. Deste modo, seu objetivo é analisar o processo de construção de um lugar de contestação a partir de uma rotina de ocupação do viaduto do DIA, em Aracaju, organizada pelo coletivo acima referido. Com base nessa investigação, o artigo quer problematizar as relações entre os movimentos sociais e o espaço público.¹ De modo mais amplo, esta pesquisa se insere no campo de estudos sobre as formas de organização de ações coletivas, a relação entre os movimentos sociais, os partidos políticos e o Estado, os processos de engajamento militante e as gramáticas políticas elaboradas por movimentos sociais.

O fenômeno das ocupações do espaço público tem sido considerado por um conjunto de autores nacionais e internacionais (Maricato, 2013; Dechezelles, Olive, 2017; Combes, 2016) enquanto um ciclo de protestos global, caracterizado pela diversidade de tipos de contestação do espaço público ou da cidade a partir da utilização da ocupação enquanto repertório de ação contestatória. O movimento Occupy nos Estados Unidos, os protestos de 2011 na Espanha, também conhecidos como o Movimento 15-M ou os Indignados, as utilizações das praças no Oriente Médio a partir dos protestos denominados como “Primavera Árabe”, as ocupações estudantis nas escolas no Chile e as ocupações de es-

1 Esta pesquisa resultou em uma dissertação sobre as condições de emergência e as dinâmicas de ação e organização do Coletivo Debaixo (Santos, 2017).

colas e praças em diversas cidades do Brasil são alguns exemplos do uso recente da prática da ocupação enquanto repertório de contestação.

No Brasil, os usos da ocupação enquanto repertório de ação contestatória têm acompanhado um conjunto amplo de variações de reivindicações, que vão desde as motivações para se ocupar um espaço ou um prédio, as formas que as ocupações adquirem na ação de contestação, como uma festa em um largo ou uma praça, mas também por meio de um ato caracterizado pelo fechamento e bloqueio no uso de uma avenida ou prédio, os locais ocupados e os atores ou grupos que utilizam este repertório de ação, até as gramáticas políticas elaboradas pelos movimentos sociais e coletivos que reivindicam o “direito à cidade”². A repetição no uso da ocupação como, por exemplo, nas escolas públicas ou dos prédios do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o IPHAN, ambos durante o ano de 2016, aponta para a emergência de um fluxo recente de movimentos de ocupação no país. Neste sentido, o termo ocupação tem adquirido diversos sentidos para a construção de ações contestatórias.

Em Aracaju, esse fluxo de ocupação do espaço público emerge após as manifestações de junho de 2013, conhecidas na cidade como o Acorda Aracaju. Assim, em 17 de setembro daquele ano ocorreu a primeira ocupação do viaduto Jornalista Carvalho Déda, mais conhecido como viaduto do DIA (Distrito Industrial de Aracaju), organizada pelo Coletivo Debaixo. O grupo era composto por jovens, a maioria com inserção na universidade, com envolvimento e engajamento prévio em partidos políticos,

2 Ainda que haja relação com os conceitos consagrados por Henri Lefebvre (2006) e David Harvey (2014), a expressão “direito à cidade” é retomada durante o texto enquanto um termo nativo. Em uma de suas leituras, Harvey reflete sobre a dimensão aberta à significados do termo “direito à cidade”. Para ele “o direito à cidade é um significante vazio. Tudo depende de quem lhe vai conferir significado” (HARVEY, 2014, p. 20). É, com base nisso, que tomamos tal expressão enquanto um significante vazio cujo significado, apresentado no artigo, se refere às apropriações adaptadas às situações e localidades.

movimentos sociais e coletivos, como também com expressões artísticas como o punk, o hip-hop ou o rap. Essa ação coletiva foi denominada de Sarau Debaixo e consistia em uma ocupação mensal do viaduto do DIA. O fim dos saraus só foi anunciado no dia 25 de março de 2016 pelo coletivo, por meio de um esclarecimento publicado no Facebook.

Os saraus aconteciam toda terceira terça-feira do mês. Começava no início da tarde com a construção do cenário da ocupação: um “palco” que era demarcado por três microfones e caixas de som. Lâmpadas eram instaladas para iluminar o viaduto escuro e uma caixa com giz era colocada para que o público pudesse se apropriar daquele espaço por meio da escrita no chão ou nas colunas do viaduto. Após isso, o roteiro da ocupação era composto pela abertura do sarau, que acontecia com um protesto realizado pelos “poetas do sarau” – termo pelo qual são conhecidos os integrantes do coletivo –, que costumava ser uma encenação teatral ou uma poesia declamada, cujo tema estava relacionado com alguma pauta do coletivo ou alguma questão social relativa ao período, como a Copa do Mundo de 2014 ou a oposição à redução da maioria penal. A abertura era finalizada com o grito de ordem do coletivo: “nós na rua, ninguém desata”. Após a abertura do sarau, ocorria o “palco aberto”, no qual era possível que qualquer pessoa presente no viaduto – e normalmente o público era composto por militantes engajados em partidos políticos, movimentos sociais e outros coletivos, além de artistas e simpatizantes da causa – pudesse se apropriar do microfone e utilizá-lo para protestar, declamar uma poesia, cantar uma música, etc. Por fim, nas últimas horas do evento aconteciam intervenções artísticas já previstas na programação do Sarau. Este era o modelo de ocupação realizado pelo coletivo e que, segundo os integrantes, era uma forma de manter as manifestações de junho de 2013 nas ruas.

As ocupações do espaço público se transformam em uma rotina de contestação à proporção em que o Coletivo Debaixo passa a

promover protestos embaixo do viaduto do DIA. Naquele local eram finalizadas as manifestações de rua e ocorria a massiva ocupação do viaduto pela população. A parte debaixo do viaduto, onde mais tarde passaria a acontecer o Sarau Debaixo, concentrava os grupos mais radicais que ateavam fogo em catracas e tinham eventos de conflitos com a Polícia Militar do estado e Guarda Municipal da cidade. Os conflitos com as polícias (Guarda Municipal e Polícia Militar) naquele período, segundo meus interlocutores, foram primordiais para a construção de uma narrativa de que era necessário disputar o espaço público. Diante de tal cenário, a pesquisa teve como objetivo compreender o processo de ressignificação do viaduto a partir das ações do Coletivo Debaixo.

As ferramentas metodológicas mobilizadas foram a observação direta das ocupações promovidas pelo coletivo; a realização de entrevistas semiestruturadas; conversas informais que aconteceram durante as ocupações; o acompanhamento contínuo das informações veiculadas pelo coletivo na página oficial do grupo no Facebook; e a catalogação de notícias em jornais eletrônicos. A observação direta das ocupações promovidas pelo coletivo foi fundamental para a construção de um diário de campo que possibilitou registrar como a ocupação, enquanto um repertório de ação, é mobilizada pelo coletivo, qual o perfil de performance utilizada pelo grupo, quais são os grupos e atores mobilizados que circulam na ocupação Sarau Debaixo e como o coletivo intervém no espaço físico, ressignificando o viaduto. As conversas informais e entrevistas semiestruturadas contribuíram para coletar alguns dados sobre a origem do coletivo, o perfil dos atores que integram o coletivo e, além disto, as concepções e gramáticas políticas do grupo. O acompanhamento contínuo da página oficial do grupo no Facebook permitiu “seguir o objeto”, ou seja, perceber os outros espaços de atuação dos atores engajados e repertórios de ação utilizados, as notas públicas do coletivo sobre a proibição, a presença de policiais durante os atos de protesto e o “esclarecimento” publicado no dia 25 de março de

2016 sobre o fim da ocupação Sarau Debaixo. A catalogação de notícias em jornais eletrônicos permitiu perceber como as ocupações do Sarau Debaixo e o Coletivo Debaixo foram veiculados pelos jornais e como o coletivo estabeleceu uma rede de colaboradores com blogs e “ativistas virtuais” que publicavam notícias sobre a ocupação.

A partir do conjunto de dados coletados demonstro (i) como o repertório de ação utilizado pelo coletivo constrói uma rotina de contestação, (ii) o processo pelo qual o Coletivo Debaixo constrói uma narrativa e imagem simbólicas para o viaduto do DIA enquanto um “lugar político” ou um lugar de contestação, (iii) a construção de uma identificação do espaço do viaduto com o Coletivo Debaixo e (iv) o reconhecimento de outros coletivos, movimentos sociais e partidos políticos de que o viaduto constitui um lugar de contestação e a recorrência de atos de protestos organizados por outros grupos.

Nesse sentido, o conjunto de elementos ressaltados acima para refletir acerca da relação entre os movimentos sociais e o espaço público está direcionado à investigação do processo de construção simbólica do espaço público a partir da realização de mobilizações. Além disso, o artigo se insere em um campo de estudo pouco explorado na sociologia da ação coletiva que é a análise dos efeitos de ciclos de protestos, tal como as manifestações de junho de 2013, no surgimento de novos coletivos, movimentos sociais, partidos políticos, etc., a construção de novos repertórios de ação coletiva e os usos posteriores dos símbolos de contestação dos ciclos de protesto.

“Tirem as mãos da nossa cidade”: a ocupação enquanto ação política contestatória

O Coletivo Debaixo e a criação de rotina de contestação no viaduto por meio dos saraus contribuíram para a emergência de um

enquadramento (Jasper, 2016) – uma metáfora com a identificação de um problema, estratégias de resolução e aspectos motivadores da ação – constituído pela noção de uma cidade marcada pela desigualdade e segregação social e no qual a ocupação do espaço público é uma forma de disputar a cidade politicamente:

A cidade foi repartida e nós não fomos convidados. Se repartiu a cidade dentro de uma lógica elitizada e para poucas pessoas. A cidade não é partida para poucas pessoas. Ela é uma obra usada em favor de poucas pessoas. Então eu acho que a gente tem o dever de discutir a cidade, de falar sobre as coisas que acontecem na cidade, de dizer assim “olha, a gente quer participar da divisão da cidade”. **A gente é quem vive o espaço da cidade, então a gente é quem tem que falar como usar essa cidade, né? [...]**

Ou seja, eles limparam a cidade para fazer uma cidade limpa, o que eles consideram limpa, sabe? E aí a gente tem que discutir o que é legítimo e o que não é... Mas o que a gente pauta é que as discussões sempre foram tomadas sem consultar o povo, sabe? Por uma minoria, sabe... Por uma minoria elitizada que diz “olha, a gente vai utilizar a cidade dessa forma” e o povo muitas vezes não é convidado a discutir de que forma a cidade deve ser utilizada (Relato de Entrevista).

O *approach* teórico dos estudos sobre os enquadramentos interpretativos (Benford, 1997; Benford, Snow, 2000) propõe as noções de enquadramento de diagnóstico e prognóstico enquanto ferramentas para compreender a construção de narrativas, os *frames*³, que buscam detectar os problemas e as formas que os grupos propõem para resolvê-los. Ainda que tal proposta esteja orientada por uma noção estratégica e utilitarista típica das abordagens norte-americanas sobre a ação coletiva, pretendemos mais mobilizar os enquadramentos enquanto narrativas sobre os problemas, e menos como uma ação estratégica.

3 O termo *frame* pode ser traduzido enquanto as molduras ou os enquadramentos interpretativos produzidos pelos ativistas ou grupos acerca das pautas que disputam.

Em texto sobre os tipos de enquadramento em torno do “direito à cidade” (Santos, 2018), a articulação entre o arcabouço teórico dos estudos sobre os enquadramentos interpretativos e a proposta culturalista de Jasper (2016) é desenvolvida a partir da análise de como o Coletivo Debaixo constrói e difunde um conjunto de *frames* utilizando a ferramenta dos fanzines. Os fanzines constituem um tipo de publicação não oficial em formato de um pequeno livro redigido à mão e com algumas imagens em colagens. Esses fanzines, diferentemente do que é objeto de reflexão neste artigo, constituíam um espaço fundamental para compreender como o Coletivo Debaixo construiu diversas narrativas sobre a cidade a partir das experiências individuais dos ativistas.

A concepção de uma “cidade repartida” entre uma “minoridade elitizada” e a ausência de participação dos diversos setores da população no processo de decisão dos usos da cidade marcam o enquadramento elaborado pelo coletivo sobre a cidade. Essa concepção é compartilhada por um conjunto de outros integrantes que, juntamente com o Coletivo Debaixo, inicia processos distintos de ocupação do espaço público por meio de intervenções culturais.

O Manifesto Político-Cultural foi elaborado de forma coletiva por “Nós, Coletivos, Grupos, Bandas, Agitadores e Guerrilheiros Culturais” e, entre estes grupos, o Coletivo Debaixo. A leitura do manifesto ocorreu em dois momentos. Primeiro, na abertura de uma das edições do Sarau Debaixo realizada em comemoração aos 160 anos de Aracaju. E segundo, na comemoração de 61 anos de um dos principais teatros da cidade, o Teatro Atheneu. Em ambos os casos esteve presente a noção de cidade desigual, na qual uma elite decide os processos de divisão dos espaços públicos e dos usos dedicados a cada um destes espaços, enquanto os setores mais empobrecidos da população experimentam as contradições cidadinas.

Nós, que vivemos e realizamos as nossas vidas nas ruas dessa cidade, sabemos das dificuldades e contradições que passamos diariamente. Todos os dias a cidade é planejada

para atender aos interesses dos ricos, dos empresários e para encher os bolsos que já estão cheios demais. Enquanto isso, a maior parte da nossa população é empurrada para fora das decisões. Sendo negado, diariamente, o direito de participar e decidir sobre o lugar onde vivemos. (Manifesto Político-Cultural, 2015).

Por um lado, o diagnóstico de uma cidade desigual compõe parte do enquadramento elaborado pelo coletivo e, por outro lado, a ocupação do espaço público emerge como uma solução ao problema identificado e alternativa de ação política.

Então ali era uma **disputa política**. Primeiro porque a gente não pediu autorização pra ninguém. **A gente ocupou. Era uma ocupação, não era uma festa.** [...] Não estava ali para ganhar dinheiro. Não estava ali para fazer somente uma festa. Ali era uma atividade cultural. Ali era um processo onde a gente ia se encontrar. Ali era uma encruzilhada como a gente chamava, sabe? Era uma encruzilhada. Era dali que as pessoas iam se encontrar e dali iam surgir novas outras coisas. Então **essa é uma disputa política** sim porque a todo o momento é colocado para a gente de uma forma subjetiva de que nós temos que estar em lugares privados porque é assim que a gente se sente protegido, é assim que a gente se “safá” (escapa) da violência. (Relato de entrevista)

Estamos aqui para exigir o que é nosso. [...] Não queremos dividir a nossa Aracaju, **mas queremos retomar as praças, as ruas, os bairros e transformar em espaços coletivos de cultura**. Não aceitaremos mais sermos expulsos da cidade por falta de condições e porque ela não abraça a nossa arte. Se não existem condições, iremos criar e construir a partir de agora e diremos a eles: **“TIREM AS MÃOS DA NOSTRA CIDADE!”**. E nós, existimos para sermos protagonistas dela. E é assim que faremos: em bando, a partir de agora. **EM DEFESA DA CULTURA. EM DEFESA DA CIDADE.** (Manifesto Político-Cultural, 2015).

Tanto o diagnóstico da “cidade assaltada” ou da “cidade desigual” quanto a utilização da ocupação enquanto ação contestatória para a disputa em torno do “direito à cidade” foram fundamen-

tais para a elaboração de um discurso politicamente engajado das ocupações em Aracaju. É necessário salientar que anteriormente ao Coletivo Debaixo havia movimentos e eventos semelhantes como a Sexta no Beco, o Sintonia Periférica e o Clandestinos em outros locais, no entanto, a politização do tema da cidade se torna explicitamente central com o Coletivo Debaixo.

A Sexta no Beco teve início em 2009, enquanto eventos que aconteciam semanalmente no chamado Beco dos Cocos, localizado no centro de Aracaju, que pela manhã e tarde é marcado pelo uso da população para ter acesso ao centro e pela convivência com usuários de drogas, e à noite é de uso exclusivo das prostitutas e usuários de drogas. Sendo assim, A Sexta no Beco foi uma tentativa de utilização e revitalização do Beco dos Cocos⁴. E o Clandestino acontece desde 2012, a partir da utilização esporádica, de diferentes locais da cidade. As ações do Clandestino possuem uma peculiaridade que é a divulgação da data, horário e local da ocupação apenas no dia em que ocorre o evento⁵. O Sintonia Periférica era realizado embaixo da Ponte Construtor João Alves, no Bairro Industrial, entre os anos de 2007 e 2008 de forma esporádica, e retoma, em 2014, com um programa de ações de ocupação do espaço público⁶. Paralelamente a isso, temos os usos, por exemplo, de grupos com estilos de vida da cena underground de Aracaju, em praças como a Olímpio Campos e a Tobias Barreto (ver: Silva, 2011)

Os usos do espaço público como lugares de manifestação não são uma novidade na cidade de Aracaju, no entanto, é a elaboração de um discurso em torno da disputa da cidade que emerge enquanto uma mudança na dinâmica dos movimentos e grupos que ocupam o espaço público. Neste sentido, os relatos de entrevistas com integrantes do Coletivo Debaixo, a elaboração de uma

4 Ver notícia: <http://www.infonet.com.br/noticias/cultura//ler.asp?id=90860>

5 Ver Santana (2017).

6 Ver Pereira (2017).

narrativa em torno de “Junho de 2013” ter sido uma referência de possibilidade de “retomada das ruas” e a adoção desta narrativa por outros coletivos e movimentos sociais, como evidencia o Manifesto Político-Cultural, revelam o fortalecimento da causa do “direito à cidade” em Aracaju após o ciclo de protestos de 2013 e, principalmente, a emergência do Coletivo Debaixo.

Ocupação do espaço público e construção de lugares de contestação

[...] ocupar os espaços públicos e retomar os espaços públicos foi um aprendizado também das manifestações de junho. A gente precisava retomar o espaço, a gente precisava voltar para as ruas. [...] Toda terceira terça-feira do mês a gente vai discutir política embaixo do viaduto (Relato de entrevista, integrante do Coletivo Debaixo).

O depoimento de que as manifestações de junho de 2013 deixaram a lição de que é preciso reocupar as ruas emerge em entrevista realizada como um dos idealizadores e fundadores do coletivo. Durante a pesquisa foi muito comum que os integrantes do coletivo não somente fizessem uma associação entre a eclosão do ciclo de protestos de 2013 com o surgimento do coletivo, como também construíssem uma narrativa de que “os protestos não podiam acabar em 2013”. Logo, o Coletivo Debaixo e a ocupação do viaduto do DIA seriam uma das formas de manter as manifestações de 2013 nas ruas para além daquele período em que aconteceu o ciclo de protestos. É com base nisso que este tópico demonstra o processo de construção dessa narrativa de ocupação e do viaduto do DIA enquanto um espaço de contestação.

Alguns autores (Hmed, 2009; Tilly, 2000; Auyero, 2003, 2005) têm destacado três fenômenos vinculados à relação entre os movimentos sociais, protestos e o espaço público. Primeiro, os aspectos de constrangimento e incentivos de um espaço para

as ações contenciosas. Segundo, as dinâmicas e rotinizações de protestos em determinados espaços da cidade, aquilo que Auyero (2005) intitula de “espaço das lutas”. E terceiro, as construções de símbolos políticos como resultado das mobilizações. Neste sentido, o processo em tela busca articular as duas últimas dimensões: a rotinização e a construção de um símbolo de contestação.

As noções de *bare space*, *textured space* e *place* de Tilly (2000) são fundamentais para compreender o processo de significação, semelhante ao realizado pelo Coletivo Debaixo, de territórios da cidade. A concepção de *bare space* se vincula ao espaço onde ocorrem relações sociais. Em *textured space*, o espaço-tempo influencia as relações que ocorrem em um determinado território a partir de aspectos de incentivo e constrangimento para as interações. E em *place* são considerados os significados atribuídos a objetos pertencentes em um espaço-tempo. Neste sentido, a passagem pelas noções citadas acima aproxima, nos estudos dos movimentos sociais, as ações contestatórias de processos de significação de um “lugar de contestação”.

Em Aracaju, o ciclo de protestos de 2013 trouxe uma peculiaridade na forma como os protestos aconteceram na capital de Sergipe, que foi a escolha dos locais utilizados como roteiro para a realização dos protestos. A escolha desses roteiros, denominados neste trabalho de “caminhos da contestação”, possuía como inovação local o uso de espaços pouco ou nunca utilizados para a realização de protestos, atos públicos, manifestações, etc. Os caminhos que seriam utilizados para as manifestações em junho de 2013 foram divulgados e debatidos antes de sua realização através das redes sociais, em especial o Facebook, a partir da ferramenta de eventos desta rede social. Neste caso, os eventos constituem um mecanismo do Facebook para a criação de um acontecimento futuro e que possibilita que sejam feitos convites a pessoas específicas para que compareçam e participem deste determinado “evento”. Em parte, além de constituir um meca-

nismo de “agenda virtual”, os eventos também são importantes espaços de discussão de diferentes atores sobre um acontecimento.

Nesses eventos, as discussões em torno da escolha dos espaços a serem utilizados traziam argumentos como os impactos da ocupação dessas ruas no trânsito ou no comércio, a facilidade de acesso ao local, a capacidade do espaço em comportar um grande número de pessoas, o roteiro a ser realizado, etc. Ainda que a escolha do espaço faça parte das preocupações deste artigo, outras questões também eram debatidas nesses “eventos” e que se relacionavam diretamente com dilemas presentes em outras cidades onde aconteciam os protestos, tais como quais seriam as pautas a serem reivindicadas, se seria ou não permitida a presença de partidos políticos e centrais sindicais, se seria ou não permitido o uso de bandeiras que indicassem a participação de partidos políticos ou outras organizações e quais seriam as táticas utilizadas em defesa de possíveis agressões policiais.

Foram nesses espaços que tais decisões, inclusive acerca da utilização das ruas e avenidas para as manifestações, eram debatidas. No caso dos roteiros das manifestações, vários roteiros foram indicados e somente o ponto de concentração obteve consenso, que foi a praça Fausto Cardoso. A praça fica localizada no centro de Aracaju e é considerada, juntamente com outras praças do centro da cidade, como espaço amplamente utilizado para a manifestação de centrais sindicais, movimentos estudantis e partidos políticos. A praça Fausto Cardoso ainda possui como diferencial duas variáveis intrigantes. A primeira variável, de cunho geográfico, é que está localizada entre importantes departamentos do Estado, como a Assembleia Legislativa do Estado de Sergipe, a Câmara de Vereadores de Aracaju e o Tribunal de Justiça do Estado de Sergipe, sendo assim, é um local simbólico e de uso constante para o diálogo direto entre os grupos contestadores e o Estado. A segunda variável está relacionada à história política de Aracaju. É nessa praça que aconteceu o as-

sassinato de Fausto Cardoso, notório político e intelectual sergipano, em 1906, após ser baleado no peito enquanto confrontava tropas do exército que estavam na cidade para conter uma série de manifestações, evento que passara a ser reconhecido como “Revolta de Fausto Cardoso”.

Durante as manifestações de 2013, conhecidas na cidade como Acorda Aracaju, termo pelo qual também eram intitulados os eventos no Facebook, um acontecimento foi fundamental para a utilização dos dois caminhos da contestação destacados anteriormente. Enquanto os manifestantes se concentravam na praça, um carro de som reconhecido como um “carro do sindicato” foi utilizado por uma pessoa para indicar quais seriam as ruas por onde os manifestantes seguiriam em protesto, porém um conjunto de pessoas começou a vaiar em recusa à ordem dada. Nesse momento de contestação ao uso do carro de som, na presença dos sindicatos e partidos políticos, os manifestantes se dividiram em dois grupos que andaram em posições diferentes: as avenidas 13 de Julho e Hermes Fontes. Com perfis diferentes, de um lado os “patrióticos” em direção à avenida 13 de Julho e de outro os “autonomistas” e “socialistas”, para utilizar os perfis destacados por Mische e Alonso (2015)⁷, em direção à avenida Hermes Fontes. Esses perfis não são fiéis à caracterização total dos públicos divididos entre esses dois “caminhos”, mas retrata o perfil da maioria dos manifestantes. Mais tarde, em 2016, nas manifestações a favor do impedimento da ex-presidente Dilma Rousseff, a avenida 13 de Julho seria um dos principais cenários desses grupos.

O segundo caminho da contestação, da avenida Hermes Fontes, é significativo para o processo de construção da narrativa de

⁷ As categorias formuladas por Mische e Alonso (2015) resultam de uma análise de perfis de manifestantes no Brasil durante os protestos de junho de 2013. Sendo assim, essas categorias constituem, na análise desses autores, um retrato de tal contexto e período de polarização.

ocupação do espaço público e do viaduto do DIA enquanto um espaço de contestação. As manifestações que seguiram a avenida Hermes Fontes acabaram com a ocupação massiva do viaduto do DIA e com o confronto entre um conjunto de manifestantes inspirados em um padrão de contestação dos “autonomistas” e a Guarda Municipal de Aracaju. A descrição abaixo, do Movimento Não Pago⁸, acerca do caminho utilizado no ato de 02 de julho de 2013, ilustra o roteiro mencionado acima:

A concentração para o ato desta terça-feira ocorrerá a partir das 15h na Praça Fausto Cardoso, sendo o objetivo a revogação do aumento das passagens de ônibus em Aracaju aprovada pelos vereadores e sancionado pelo prefeito João Alves Filho (DEM).

O protesto seguirá até a prefeitura, onde será exigida uma audiência pública com o prefeito João Alves, para que o mesmo ouça os anseios da população e esclareça as denúncias de fraudes no cálculo da tarifa do transporte público.

O ato será finalizado no viaduto do DIA, onde ocorrerá uma aula pública sobre as questões do transporte público de Aracaju e sobre as manifestações que estão ocorrendo em todo o Brasil nas últimas semanas (Movimento Não Pago, jornal Ne Notícias, 2013).

O encerramento dos atos no viaduto do DIA por meio da ocupação massiva na parte inferior e superior do viaduto, inclusive os confrontos com a Guarda Municipal, as ações dos manifestantes em atear fogo em catracas, colchões e outros materiais, como também as aulas públicas que aconteceram neste espaço constituem o primeiro elemento que contribuiu para a construção de uma narrativa acerca do viaduto enquanto um lugar de contestação.

8 O Movimento Não Pago é um grupo vinculado à causa do transporte público, em especial, do aumento da tarifa e que é um dos articuladores das manifestações em Junho de 2013 em Aracaju.

Paralelamente a essa narrativa do viaduto enquanto lugar de contestação, o Coletivo Debaixo, a partir da participação dos integrantes do grupo em outros movimentos sociais, coletivos e partidos políticos, como também a experiência, principalmente dos fundadores e idealizadores do coletivo, no movimento de saraus em Salvador com o Sarau Bem Black, construiu a narrativa da disputa pelo “direito à cidade” enquanto uma causa pública. Neste sentido, com a experiência no movimento de saraus e a ideia de que “Junho de 2013 nos deu a lição de que é preciso reocupar as ruas”, o Coletivo Debaixo sustenta a ideia já difundida de que a disputa pelo “direito à cidade” constitui uma causa pública e uma forma de disputa política.

A construção dos “lugares de contestação” ocorre, a partir do Sarau Debaixo, baseada (i) na criação e ressignificação física de um referencial espacial, o viaduto do DIA e (ii) na elaboração de um símbolo de contestação. No primeiro caso, a criação e ressignificação de um espaço físico foi um longo e contínuo processo de, a cada edição do Sarau Debaixo, intervenção dos frequentadores do Sarau e da organização do coletivo por meio de grafismos como o grafite, a pichação e o lambe-lambe; este último trata-se de imagens impressas em folha de papel e coladas em muros. Ainda nas primeiras edições do Sarau Debaixo, o viaduto do DIA já estava fisicamente diferente de sua imagem originária. Aquilo que era um estacionamento não utilizado, em poucos meses, após o início das ocupações mensais, já tinha adquirido uma outra imagem que era cenário do Sarau. Neste sentido, era muito comum, em relatos de entrevistados, os integrantes afirmarem que as intervenções visuais no viaduto eram uma das maneiras de “fazer o Sarau durar para sempre” naquele espaço. Para os envolvidos, as frases que foram inscritas naquele espaço, a agitação das bandas e performances, os sons das bandas e poesias, os encontros entre um circuito de militantes e movimentos sociais e as imagens coladas se transformavam em memórias. E como memórias, se transformaram em um significado cuja a base é a concepção de ocupação do espaço público e a reivindicação do “direito à cidade”.

No segundo caso, e talvez o ponto fundamental desse processo de ressignificação do espaço físico, foi a construção do viaduto do DIA enquanto um símbolo de contestação em Aracaju. As ocupações que ocorreram no viaduto entre os anos de 2013 e 2016, ao menos com a organização do Coletivo Debaixo, construíram uma rotina de uso do espaço e que culminou na criação desse símbolo. A partir disso, outros coletivos e movimentos sociais, inclusive grupos que não possuíam afinidade ideológica com o Coletivo Debaixo, passaram a utilizar o viaduto do DIA para a realização de atos de protesto ou de outros saraus. Alguns exemplos desses novos usos foram o Festival da Legalização Combatendo o Câncer da Proibição, organizado pelo Coletivo Marcha da Maconha, em novembro de 2013; a panfletagem da Marcha da Maconha, em maio de 2015; o ato contra a redução da maioria penal organizado pela Assembleia Nacional de Estudantes-Livres (ANEL), em junho de 2015; o ato contra Eduardo Cunha e pela vida das mulheres organizado pelo Coletivo de Mulheres de Aracaju, em novembro de 2015; o ato contra o processo de impedimento da ex-presidente Dilma Rousseff, organizado pelo Levante Popular da Juventude, em maio de 2015; a abertura oficial da II Semana de Visibilidade Trans “Sarau Trans” pelo Coletivo de Mulheres de Aracaju e o Amosertrans, em janeiro de 2016; o 1º baile das bruxas organizado pelo Coletivo de Mulheres de Aracaju e a Frente Sergipana Brasil Popular, em maio de 2016; o dia nacional de greve, organizado pela Frente Brasil Popular, em novembro de 2016; o 2º baile das bruxas, pelo Coletivo de Mulheres Contra Temer, em novembro de 2016; e o Passagem de Som, organizado pelo Coletivo Ensaio Aberto, em dezembro de 2016. Além destes, ocorreram em 2017, a Batalha do Cangaço, um evento ligado aos grupos de hip-hop; e o protesto intitulado #EleNão contra a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência da República.

Sendo assim, dois elementos contribuíram para a construção daquele espaço como “lugar político” a partir da rotinização de um tipo de ação contestatória: os saraus realizados mensalmente

te embaixo do viaduto; e a consequente ressignificação deste espaço, que passa a ser reconhecido por parte de outros grupos, movimentos sociais e partidos políticos como um espaço de referência contestatória.

Conclusão

Este artigo buscou realizar algumas reflexões acerca da relação entre os movimentos sociais e o espaço público com base na análise dos repertórios de ação mobilizados pelo Coletivo Debaixo entre os anos de 2013 e 2016 na cidade de Aracaju. Com base nisso, demonstramos o processo da i) emergência de um novo local de contestação, o viaduto do DIA, em Aracaju; ii) a construção de uma narrativa da ocupação do espaço público enquanto modelo de ação contestatório para a reivindicação do “direito à cidade”; iii) os usos do viaduto a partir do evento mensal Sarau Debaixo; e iv) a construção do viaduto enquanto um símbolo de contestação que passaria a ser utilizado por outros movimentos sociais, coletivos e partidos políticos para a reivindicação de diversas causas sociais.

As análises sobre o ciclo de protestos de 2013, no Brasil, foram marcadas por uma tentativa de compreender quais as mudanças na dinâmica das ações contestatórias; nas relações entre os movimentos sociais e os partidos políticos; nos usos do espaço público pelos grupos; nas estratégias de segurança elaboradas pelo Estado para a contenção das manifestações; e nas mobilizações da violência por grupos e coletivos (Alonso, Mische, 2017; Dowbor, Szwako, 2013; Gohn, 2014; Scherer-Warren, 2014; Maricato, 2013; Silva, 2014; Tatagiba, 2014).

No caso do Coletivo Debaixo, não é possível falar exatamente em um grupo que emerge após o ciclo de protesto de 2013, o que ocorre com outros grupos, mas que utilizaram as manifestações ocorridas naquele ano enquanto um evento-referencial para suas

ações. Deste modo, é mais importante compreender o sentido que “Junho de 2013” é compartilhado entre o coletivo - e como isto possibilitou a criação de um grupo e uma experiência de contestação que durou três anos - do que calcular o impacto de “Junho de 2013” para a efetiva emergência e criação do coletivo.

O ciclo de protestos de 2013 e os usos das ruas durante as manifestações, os confrontos diretos entre a Guarda Municipal, a Polícia Militar e os manifestantes no bloqueio do viaduto do DIA, além do engajamento anterior de parte dos integrantes do coletivo no debate sobre a mobilidade urbana e a cidade, foram fundamentais para a emergência do Coletivo Debaixo e para a prática da ocupação enquanto um repertório de ação do grupo. E, por fim, a rotina de contestação que se estabelece no viaduto por meio da organização e realização mensal do Sarau Debaixo foi fundamental para transformar o viaduto do DIA em um símbolo de resistência entre os diversos movimentos sociais, coletivos e partidos políticos de Aracaju. Nesse sentido, o estudo sobre a ocupação como repertório de contestação contribui para o fomento acerca de alguns pontos importantes no campo de pesquisa da ação coletiva e mobilizações na contemporaneidade.

As ocupações culturais do espaço público e a reivindicação do “direito à cidade” constituem um desencadeamento do ciclo de protestos em 2013 ocorrido no Brasil. Um ciclo de protestos é caracterizado pela emergência de formas de mobilização produzidos de processos de inovação, imitação e/ou retomada de tipos de ação contestatória, e as ocupações se localizam entre esses processos de apropriações e inventividades de modelos de ação contestatória em nível local. De modo mais amplo, o estudo das ocupações em Sergipe também é fundamental para a compreensão do processo de adaptação local de um ciclo mais amplo de protestos caracterizados pela ocupação no Brasil e que, em última instância, como demonstram alguns autores (Maricato, 2013; Dechezelles, Olive, 2017; Combes, 2016), constitui um estilo de ativismo contemporâneo.

A relação entre movimentos sociais e o espaço público tem sido negligenciada nos estudos sobre a ação coletiva (Auyero, 2005), adquirindo relevância somente quando o objeto de pesquisa consiste em um tipo de movimento que reivindica a cidade como as ocupações culturais ou de moradia. O fortalecimento de novos estilos de ativismo, como os “autonomistas” e “patrióticos” (Alonso, Mische, 2017), tem chamado atenção dos pesquisadores para a forma como tais grupos atribuem significado a novos espaços para além daqueles já mobilizados pelos movimentos sociais tradicionais. O uso do viaduto do DIA, local antes nunca utilizado para protestos, reflete, em nível de dinâmica da geografia das lutas, o processo de diversificação dos movimentos sociais e a criação de novos espaços políticos em Aracaju.

Para finalizar, mais um episódio recente demonstra a vitalidade dos significados atribuídos ao viaduto durante, pelo menos, quatro anos de Sarau Debaixo e outras formas de contestação realizadas. No último dia 30 de maio, novas ondas de protestos conhecidas como 30M ou Tsunami da Educação ocuparam as ruas, e em Aracaju o viaduto do DIA voltou a ser utilizado por movimentos sociais que saíram do centro da cidade até a parte inferior do viaduto. Ainda que não seja possível afirmar que esse “espaço de contestação” estará de forma permanente na memória dos ativistas, é certo que para o ativismo o espaço já não é simplesmente um viaduto com um estacionamento vazio.

Referências Bibliográficas

Alonso, Angela; Mische, Ann. Changing Repertoires and Partisan Ambivalence in the New Brazilian Protests. **Bulletin of Latin American Research**, v. 36, n. 2, p. 144-159, 2017.

Auyero, Javier. The geography of popular contention: an urban protest in Argentina. **Revue canadienne des études latino-américaines et caribes**. Vol. 28, n. 55/56, p. 37-70, 2003.

_____. L'espace des luttes. Topographie des mobilisations collectives. **Actes de la recherche en sciences sociales**. Vol. 5, n. 160, p. 122-132, 2005.

Beco dos Cocos agora é um espaço cultural. Portal Infonet, 2009. Disponível em <<http://www.infonet.com.br/noticias/cultura//ler.asp?id=90860>>. Acesso em: 18 de nov. de 2017.

Combes, Hélène.; Garibay, David.; Goirand, Camille. Introduction: Quand l'espace compte... spatialiser l'analyse des mobilisations. **Les lieux de la colère**: Occuper l'espace pour contester, de Madrid à Sanaa. Paris: Karthala, 2016, p. 9-36.

Dechezelles, Stéphanie., Olive, Maurice. Les mouvements d'occupation: agir, protester, critiquer. **Revue Politix**, v.l. 1, n. 117, p. 7-34, 2017.

Lefebvre, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2006.

Harvey, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

Benford, Robert. D. An insider's critique of the social movement framing perspective. **Sociological inquiry**. Vol. 67, n. 4, 1997, p. 409-430.

_____; Snow, David. A. Framing processes and social movements: an overview and assessment. **Annual review of sociology**. Vol. 26, 2000, p. 611-639.

Dowbor, Monika W.; Szwako, José E. L. Respeitável público... Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013. **Novos estudos**, vol. 93, p. 43-55, 2013.

Gohn, Maria da. G. **Manifestações de junho de 2013 no Brasil e praças dos indignados no mundo**. Petrópolis: Vozes, 2014.

Hmed, Choukri. Espace géographique et mouvements sociaux. **Dictionnaire des mouvements sociaux**. Paris: Presses de sciences po, 2009, p. 220-227.

Jasper, James. M. **Protesto: uma introdução aos movimentos sociais**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

Scherer-Warren, Ilse. Manifestações de rua no Brasil 2013: encontros e desencontros na política. **Caderno CRH**, v. 27, n. 71, p. 417-429. 2014.

Maricato, Hermínia. (org.). **Cidades Rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

Muda Sergipe! Manifestação, hoje, às 15h em Aracaju. **Portal Ne Notícias**, 2013. Disponível em: <http://www.nenoticias.com.br/78687_muda-sergipe-manifestacao-hoje-as-15h-em-aracaju.html>. Acesso em: 21 de nov. de 2017.

Pereira, Renata de M. C. **O que acontece embaixo da ponte? Juventudes e ocupação do espaço público**. Dissertação (mestrado). Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2017.

Santana, Mariane C. de. **Vislumbres no vazio: apropriações artísticas em espaços residuais em Aracaju**. Monografia (graduação). Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2017.

Santos, Jonatha Vasconcelos. **“As manifestações de junho pra gente não acabou”: um estudo sobre as formas de contestação no Coletivo Debaixo em Aracaju**. 2017. 149 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, 2017.

Santos, Jonatha V.; OLIVEIRA, Wilson J. F. de. “A cidade foi repartida e nós não fomos convidados”: ação coletiva e a construção de uma noção de cidade no Coletivo Debaixo. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 65, 457-474, set./dez., 2018.

Silva, Williams Souza. **A galera da categral: representações de um estilo de vida *underground* e lógicas de apropriação do espaço urbano**. 2011. 102 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia). Universidade Federal de Sergipe, 2011.

Silva, Marcelo K. #vempraruá: o ciclo de protestos de 2013 como expressão de um novo padrão de mobilização contestatória? **#protestos: análises das ciências sociais**. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2014, p. 9-21.

Tarrow, Sidney. **O Poder em Movimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

Tatagiba, Luciana. 1984, 1992 e 2013. Sobre ciclos de protestos e democracia no Brasil. **Política & Sociedade**, v. 13, n. 28, p. 35-62, 2014.

Tilly, Charles. Spaces of contention. **Mobilization: an international journal**, v. 5, n. 2, p. 135-159, 2000.

